

CINEMA, EDUCAÇÃO E ESTÉTICA: EXPERIÊNCIAS COM A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA NO ÂMBITO ESCOLAR

Julya Gonçalves¹

Zeloí Aparecida Martins²

Resumo: Esta pesquisa discute sobre a utilização do cinema na escola como processo de criação e fruição artística que possibilita a vivência de novas experiências estéticas e simbólicas ao estudante. Para isso, realizou-se uma pesquisa-intervenção com alunos do 5º ano de uma escola pública e municipal da cidade de Jacarezinho a fim de promover um espaço de criação e experiência estética. Além disso, objetivo era desenvolver o exercício “Minuto Lumière” e aproximar o cinema da educação como possibilidade de “fazer arte” na escola, propiciando ao educando novas experiências estéticas, criativas e reflexivas. O referencial teórico da pesquisa está ancorado nos seguintes autores: Bergala (2008), Duarte (2002) e Fresquet (2013). A metodologia caracterizou-se por pesquisa-intervenção de natureza qualitativa e delineamento descritivo-explicativo. Participaram da pesquisa seis estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal. Os dados foram analisados pela metodologia Análise de Conteúdo do autor Bardin (1977).

Palavras-chave: Cinema; Arte; Educação; Criação.

CINEMA, EDUCATION AND AESTHETICS: EXPERIENCES WITH CINEMATOGRAPHIC PRODUCTION IN SCHOOLS

Abstract: This research discusses the use of cinema at school as a process of artistic creation and enjoyment, which enables the student to experience new aesthetic and symbolic experiences. For this, an intervention research was carried out with students of the fifth year of a public and municipal school in the city of Jacarezinho, in order to promote a space for creation and aesthetic experience, which aimed to develop the exercise "Minuto Lumière", with the objective of bringing cinema closer to education as a possibility of “making art” in schools, providing the student with new aesthetic, creative and reflective experiences. The theoretical framework of the research is anchored in the following authors: Bergala (2008), Duarte (2002) and Fresquet (2013). The methodology was characterized by intervention research, of a qualitative nature and descriptive-explanatory design. Six students from the fifth year of an elementary municipal public participated in the research. The data were analyzed using the Content Analysis methodology, by the author Bardin (1977).

Keywords: Cinema; Art; Education; Creation.

¹ Mestranda em Artes pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Especialista em Neuropsicopedagogia (UNINA). Professora da Escola Sesi de Ourinhos/CE-144. Membro do grupo de pesquisa em Ensino e Educação (GEPE/UENP). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7447756447254136>.

² Profa. Dra. Associada do Colegiado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do Programa de Mestrado em Artes da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) *Campus* Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes (GIPA – Unespar). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4062798556830780>
ORCID: 0000-0002-5998-541X.

1. Pensando o cinema e a educação

*“Um filme de crianças pode ser elaborado sobre pequenos fatos, pois na realidade, nada é pequeno quando se refere a infância.”
(TRUFFAUT, 2005, p. 36)*

A linguagem cinematográfica está presente na escola, mas ainda é vista como um meio e não como marca final de um processo criativo. A apresentação do cinema na escola ainda é feita, na maioria das vezes, de maneira utilitarista, pensando o filme como ferramenta didático pedagógica. Porém, no intuito de reverter essa posição do cinema “utilitarista” na escola, deparamo-nos com autores que dialogam sobre a importância de pensarmos uma educação voltada para o cinema na escola, evidenciando as vantagens de trabalhar a relação cinema, educação e arte.

Para Adriana Fresquet (2013, p. 19) os vínculos entre o cinema e a educação estão crescendo cada vez mais e que isso se refere a um “gesto de criação” que desenvolve “novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas” (FRESQUET, 2013, p. 19). Duarte (2002, p. 144) nos diz que é fundamental conhecer a “pedagogia do cinema” visando a importância que os filmes têm na formação do indivíduo e afirma que: “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 144).

Já Fantin (2006, p. 140) promove a discussão das mídias e do cinema na escola, enfatizando que “o cinema, no contexto da mídia-educação, pode ser entendido a partir de diversas dimensões – estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas” (FANTIN, 2006, p. 140). A autora inclusive defende o estudo das mídias na escola por meio do cinema.

Alain Bergala (2008) defende a presença do cinema na escola valorizando as características e peculiaridades próprias da sétima arte, pensando o filme não como um objeto, mas como obra de arte, possibilitando espaços de encontro com o cinema como arte e entendendo o filme como “traços de um gesto de criação”. A partir disso, Bergala (2008) desenvolve a sua “hipótese-cinema” que envolve a experimentação de diferentes tipos de filmes até a passagem ao ato de criação. Para o autor, o cinema não entra como um recurso pedagógico na escola, mas como uma hipótese de alteridade, permitindo um encontro significativo com a arte, promovendo transformações, desestabilizando, criando, comunicando e permitindo processos de fruição.

No livro *Como usar o cinema na sala de aula* (2019), Marcos Napolitano traz grandes contribuições para se pensar a utilização do filme na escola. Segundo o autor, para o professor que deseja trabalhar sistematicamente com o cinema, é importante fazer algumas perguntas essenciais antes do desenvolvimento do seu trabalho, como, por exemplo: "qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos?" (NAPOLITANO, 2019, p. 12). Dessa forma, existe um preparo e um cuidado ao levar o filme para os alunos, e esse planejamento é essencial para que se possa incorporar o cinema dentro da sala de aula de fato, seja de maneira interdisciplinar para a promoção de algum projeto ou dentro de algum assunto específico de uma disciplina. Mesmo que o professor não seja especializado em cinema, é possível apresentar essa arte para além de um conteúdo, de uma mera ilustração ou passatempo, adotando uma boa postura frente a linguagem do cinematográfica. Para Napolitano (2019, p. 11):

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2019, p. 11).

Mas por que levar o cinema para a escola? A sétima arte pode ser interpretada como um agente de socialização, pois permite um cruzamento de práticas sociais diversas (RIVOLTELLA, 2005). Dessa forma, tal linguagem é parte fundamental para os processos de produção de significados e sentidos que, por sua vez, estão relacionados aos modos de ser, pensar e interpretar o mundo.

O cinema é caracterizado como um agente de socialização, pois possibilita diferentes tipos de encontros: encontros com diferentes culturas, com outros sujeitos durante a exibição de um filme na sala do cinema, com personagens fictícios e suas narrativas, com novas realidades, além de um encontro direto das pessoas com elas mesmas, suas experiências e vivências (FANTIN, *apud* RIVOLTELLA, 2006, p. 145).

Assim, o cinema se constitui como uma "matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres", viabilizando diferentes formas de compreender, apreender e representar o mundo, propiciando aprendizados que "passam a compor o estoque de experiências da sociedade". (SILVA, 2010, p. 161).

Além de ser um agente de socialização, o cinema na escola possibilita um processo de educação do olhar das crianças para os espaços ao redor, atentando-se a detalhes que até então não eram tão perceptíveis, mas que diante de uma câmera se desvelam com beleza e magnitude, possibilitando “uma relação de alteridade quando potencializa o olhar nos olhos do outro, os quais revelam e ocultam um mundo inteiro para ser descoberto” (DEUS, 2014, p. 5). Dessa forma, desenvolve-se uma educação do sentido, da observação e uma aptidão para “saber ver”.

Ao passar pela experiência de ver um filme vivenciando a sua história, a criança ou o adolescente aprende a olhar para o mundo a sua volta, criando sentido, significado e valor para aquilo que vê. Miranda (2005, p. 35) alega que:

Dizer que algo participa da educação não é propor conteúdos, objetivos e delinear métodos. Dizer que algo participa da educação é mostrar que determinado entendimento, sentimento ou julgamento não é natural, ou seja, aprendemos a tê-los. No caso das imagens, é dizer que vemos porque aprendemos a olhar (MIRANDA, 2005, p. 35).

Para desenvolver uma educação com intuito de “ensinar a ver”, é necessário valorizar o consumo de filmes, instigar os alunos a dialogarem sobre aquilo que é visto, tecendo comentários sobre como as imagens o atravessaram, quais foram as suas experiências durante a sua travessia com o filme, incentivar o confronto de diferentes interpretações, formular críticas e novas ideias trazidas a partir do encontro com a obra. Duarte (2002, p. 61) discute sobre a importância da ampliação de uma “competência para ver” na escola, afirmando que:

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui poder em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da *competência para ver*, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e para escrever (DUARTE, 2002, p. 61).

Nesse sentido, é necessário a valorização da linguagem audiovisual no âmbito educacional, visando a compreensão de como se articulam os conhecimentos que são obtidos durante a experiência com o cinema e os conhecimentos que são produzidos durante outras atividades cotidianas e tradicionais na escola, como, por exemplo, atividades com a linguagem escrita, interpretações, produções e leituras de texto. Assim, é possível combinar esses

saberes e essas competências adquiridas, utilizando ambas de maneira efetiva e trazendo a prática de ver filmes como aliada no processo de ensino-aprendizagem (DUARTE, 2002). Dessa maneira, essa interdisciplinaridade é capaz de aproximar ainda mais o cinema da educação, promovendo um compartilhamento de experiências de forma mais intensa.

Para isso, não basta apenas propiciar a prática de ver filmes regularmente, é preciso mais que isso. É preciso ver o cinema como uma fonte de conhecimento, como uma importante dimensão formadora, reconhecendo o cinema como arte. Sobre essa questão, Duarte (2002, p. 64) enfatiza que:

Estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. Certamente não há nenhum problema em utilizarmos filmes em nossas aulas. O problema consiste em ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade (DUARTE, 2002, p. 64).

Em função da riqueza e do potencial formativo do cinema, é comum e inelutável que este também seja visto como um recurso em sala de aula, que amplia e auxilia no processo de assimilação do conteúdo. No entanto, em muitas das vezes, o uso da linguagem cinematográfica é reduzido apenas a um recurso didático pedagógico, esquecendo-se da dimensão estética do filme de promover um diálogo sobre a obra e propiciar um espaço de criação. Segundo Bergala (2008), para que o cinema seja visto dessa forma, é necessário que antes ele seja concebido como arte, para não ser feito um estudo do filme, com o pretexto de complementar um determinado conteúdo ou desenvolver o senso crítico.

Para conceber o cinema como arte na escola, é indispensável pensar em uma pedagogia que compreenda a experiência de ver filmes e de vivenciar a passagem ao ato sentindo as emoções das suas próprias criações. A partir disso, para pensar em uma educação voltada para o cinema, é preciso primeiro compreendê-lo como criação do novo, como linguagem artística que possui suas especificidades e características próprias.

2. Gestos de criação

“Acreditamos que as crianças, quando filmam, são capazes de furar a opacidade do real, de capturar o essencial, que é invisível aos olhos, como dizia o Pequeno Príncipe. Elas têm uma sensibilidade para ouvir o silêncio das palavras, registram o impronunciável”.

(FRESQUET, 2013, p. 78)

A produção de cinema na escola abre espaço para o desenvolvimento de uma pedagogia da criação, permitindo que o estudante se aproxime ainda mais da linguagem do cinema, conhecendo na prática os termos técnicos e estéticos dessa linguagem e experimentando processos de fruição artística. A princípio, a ideia de realizar cinema nas escolas pode parecer algo muito complexo, algo que demanda equipamentos caros que estão longe do alcance da escola e do professor. Para pensar a produção cinematográfica na escola, é possível partir do slogan do movimento cinematográfico brasileiro, o cinema novo. Frase dita pelo grande diretor brasileiro, Glauber Rocha, o slogan desse movimento era “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Partindo dessa ideia, somos instigados a produzir um filme de crianças, produzido e prestigiado por elas. Assim, se faz necessário lembrar a afirmação de François Truffaut (2005, p. 36): “um filme de crianças pode ser elaborado sobre pequenos fatos, pois, na verdade, nada é pequeno quando se refere a infância”. Godard (2006, p. 243) também nos estimula produzir um filme, dizendo que tudo que precisamos fazer é “pegar a câmera, fazer um ensaio e mostrar para alguém”.

É dessa mesma forma que devemos instigar a produção de cinema na escola, dando vez e voz para a imaginação e criação infantil, propiciando experiências estéticas e simbólicas que produzem significados e momentos que são capazes de ficar eternizados na memória do aluno.

A produção de cinema na escola possibilita uma experiência de significação para a criança, que por trás da lente de uma câmera, atenta-se a cada detalhe da imagem que irá filmar. Essa é também uma forma de “criar, multiplicando possibilidades, inspiração e pesquisa no processo de criação ao introduzir elementos da história e da linguagem do cinema como “limites” que facilitam a imaginação”. (FRESQUET, 2013, p. 100).

Esse ato de fazer um filme é um exercício para o aluno, um estudo profundo da própria linguagem cinematográfica de modo prático, permitindo que a criança esteja diretamente envolvida com a produção e entenda como algumas funções são realizadas na

prática. Dessa forma, é fundamental que a criança assuma diversas funções durante a produção, como direção, iluminação, cinegrafia, figurino e atuação. Isso concede a ela diversas experiências e novos conhecimentos sobre a linguagem do cinema (FRESQUET, 2013).

Entretanto, antes de começar a produção de um filme na escola, é fundamental que o professor tenha vontade e disposição para o ato de fazer cinema, ter o que Fresquet (2013) chama de “fome” de cinema, pois o professor é a peça-chave na introdução dessa linguagem na escola. É ele quem irá conduzir e mediar todos os processos de criação e experimentação. Por isso, o professor precisa ter o desejo de fazer cinema para contaminar os alunos com paixão e instigá-los durante todo o processo.

Além disso, é importante que o professor tenha algum conhecimento sobre essa linguagem mesmo que mínimo. Bergala (2008, p. 127) observa que “sempre valerá mais um professor que sabe pouco, mas aborda o cinema de modo aberto, sem trair a sua natureza, que um professor que se agarra a uns fiapos de saber rígido” (BERGALA, 2008, p. 127). O autor defende a ideia de que fazer cinema é um ato de criação e que o professor pode prejudicar esse processo dando logo de início “definições de movimentos de câmera e de escala dos planos”. Em concordância com Bergala (2008, p. 128), existem elementos essenciais para a produção cinematográfica, alguns que inclusive são mal investigados, gerando problemas na pedagogia do ato de criação.

Vou tentar traçar aqui algumas pistas que nos levam ao essencial, isto é, a realidade do ato de criação no cinema, extraindo dele alguns pontos decisivos, alguns dos quais, são raramente ou mal interrogados e, muitas vezes, estão na origem das dificuldades encontradas na pedagogia: os componentes fundamentais do gesto de criação cinematográfica (a eleição, a disposição, o ataque), as condições reais da tomada de decisão pelo cineasta, a questão nodal da totalidade e do fragmento, a questão do encontro do “programa” com a realidade da filmagem, a questão enfim da negatividade que opera no ato de criação. Com uma consciência mais clara do que se passa, nesses cinco níveis, no âmbito do gesto cinematográfico, muita rigidez e muitos medos pedagógicos poderiam desaparecer e a abordagem dos filmes só teria a ganhar (BERGALA, 2008, p. 128).

Quando o autor se refere a esses elementos fundamentais no ato de criação do cinema, logo de início, ele se refere ao que chama de “operações mentais”: a “eleição”, “disposição” e o “ataque”. Essas “operações mentais” são para ele fundamentais no gesto de criação cinematográfica. Ao longo do processo de produção cinematográfica, o autor afirma que é necessário “eleger”, como, por exemplo, eleger o figurino, cenário, atores e outros. A

“disposição” refere-se ao ato de dispor os elementos e posicioná-los em relação uns com os outros. Por fim, “atacar” refere-se ao processo de definir e posicionar o ângulo de ataque às coisas que foram escolhidas e dispostas (BERGALA, 2008, p. 134).

Como exemplo de uma prática que pode ser utilizado pelo professor pensando a produção de filmes na escola, trouxemos aqui o exercício “Minuto Lumière”, que tem como intuito promover uma experiência de criação com os mais novos a partir do primeiro cinema produzido pelos irmãos Lumière. Esse exercício foi idealizado de forma pedagógica por Alain Bergala e Nathalie Bourgeois. Sobre essa prática, Fresquet afirma que (2013, p. 68): “trata-se de uma prática mágica, que permite fazer uma experiência inaugural do cinema ao restaurar sua primeira vez com um exercício relativamente simples”. A autora também alega que o objetivo dessa prática é “criar, não como solução de problemas, ou forma de adaptação, mas como gesto de invenção. Aproximar o cinema da educação como possibilidade de “fazer arte” na escola”.

Esse exercício se inicia com uma atividade de sensibilização, um pouco sobre a criação dos irmãos Lumière é exposta para a turma e, posteriormente, iniciamos com a projeção dos filmes criados e dirigidos pelos irmãos Lumière. Após a exibição, é proposta uma roda de conversa com o intuito de realizar uma leitura criativa desses filmes, em que os alunos têm espaço para contar suas opiniões e ideias sobre as obras apresentadas, tentando pensar os gestos cinematográficos dos Lumière, inserindo os conceitos de *escolha, disposição e ataque*, já mencionados aqui.

O próximo passo, antes de começar as filmagens, é pensar as escolhas de planos e enquadramentos, para isso, é proposto um exercício bem simples “usando dois dedos de cada mão para formar um pequeno triângulo que represente uma câmera, ou um marco de cartolina preta, pedimos para olhar através dele, fazendo um anúncio gestual do recorte que significa enquadrar” (FRESQUET, 2013, p. 70). A etapa que se segue é a de filmar o “Minuto Lumière”, é recomendada a utilização de 1 câmera a cada 10 estudantes, sendo que cada um desses grupos precisa estar acompanhado por um professor ou monitor que acompanhe o processo de criação. Em seguida, finalizamos esse exercício com a visualização coletiva dos minutos produzidos pelos alunos. Esse é um momento que permite a eles fazer uma análise coletiva sobre cada uma das produções (FRESQUET, 2013).

Essa prática possibilita aos alunos experimentar a pedagogia da criação, tornando-as autoras e promovendo um encontro com o nascimento do cinema e com o ato de vivenciar um processo de fruição artística.

3. Realização do exercício “Minuto Lumière” com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental

Para promover um encontro com o ato de criação e propiciar experiências de produção cinematográfica na escola, utilizamos o exercício “Minuto Lumière” para propor processos de criação e fruição artística aos alunos do quinto ano dos anos iniciais do fundamental de uma escola pública do município de Jacarezinho. Realizamos todo o processo tendo como base os estudos de Bergala (2008) e Fresquet (2013) seguindo as etapas e orientações recomendadas para esse exercício.

Participaram dessa prática seis (6) alunos do 5º ano, eles escolheram um pseudônimo pelo qual gostariam de ser chamados nos relatórios da pesquisa. Os pseudônimos escolhidos foram: Flash, Batman, Super-Homem, Capitão América, Pantera Negra e Mulher Maravilha. Para anotação das falas dos alunos durante os exercícios e comentários durante a exibição dos filmes, foi utilizado um caderno de campo para anotar relatos importantes das crianças.

Iniciamos exibindo os filmes dos irmãos Lumière para os alunos. O primeiro deles foi “A saída da fábrica Lumière”, de 1895. Após a exibição, as crianças contaram o que acharam do filme e quais foram as suas impressões. Como exemplo, expomos algumas falas registradas no caderno de campo:

Eu dei muita risada na hora que apareceu o cachorro correndo na frente das pessoas (Flash).

Eu achei muito curto e a parte do cachorro muito engraçada (Capitão América).

As roupas eram bem diferentes dessas que a gente usa hoje, eu acho que eles passavam muito calor com aquelas roupas (Pantera Negra).

Com base nas falas acima, pode-se perceber que as crianças se prenderam a pequenos detalhes do filme, como o cachorro que passa rapidamente pela tela, as roupas utilizadas pelas pessoas daquela época e o desconforto que elas poderiam causar a essas pessoas. Todos esses detalhes foram atentamente descritos em suas falas e, a partir de suas

percepções, novas ideias foram surgindo. Nota-se que existe um potencial muito grande na criança de ver por de trás daquilo que está aparente, de atentar-se a detalhes, de ver com curiosidade.

O segundo filme exibido foi “*A chegada do trem a estação*” e o último “*O regador regado*”. As crianças fizeram comentários positivos sobre as obras, mas afirmaram que o último filme apresentado era o mais engraçado e o melhor de todos. Como exemplo, trazemos as seguintes falas:

Na hora que o último filme acabou eu fiquei até bravo, porque queria que ele continuasse, porque é muito engraçado (Flash).

Eu pedi para passar mais uma vez porque achei muito engraçado (Batman).

Na hora que ele vai olhar a mangueira e se molha é a melhor parte, eu acho (Capitão América).

A partir das percepções dos alunos sobre os filmes apresentados, entende-se que eles gostaram dos filmes e se divertiram com as exhibições. Nota-se que frequentemente as crianças descrevem os filmes como engraçados, e isso para elas é representado como algo positivo. Essa ação de ver, rever e expor suas sensações e percepções em relação à obra é um processo de aprendizagem, que permite a descoberta de novas informações e conhecimentos, como alega Gutierrez (1978): “A intuição, os sentidos, os sentimentos e as emoções são as vias mais naturais e valiosas para o conhecimento” (GUTIERREZ, 1978, p. 53).

Após a visualização dos filmes dos irmãos Lumière, foi proposto para as crianças a realização de alguns exercícios sobre planos e enquadramentos. Mostrei para eles alguns tipos de planos que são muito utilizados no cinema, como por exemplo, o plano geral, plano conjunto, plano americano, primeiríssimo plano, plano detalhe e o plano sequência, para demonstração, utilizei algumas fotografias e pequenos trechos de filmes.

Para realizar o exercício de enquadramento, os alunos utilizaram uma folha branca, recortando o centro dela, fazendo um quadrado no meio, criando assim uma “câmera” fictícia. Com esse objeto, fomos a alguns espaços externos da sala de aula, e treinamos algumas práticas de enquadramento de cena. Em seguida, iniciamos a produção de um “Minuto Lumière”, criado pelo grupo de alunos. Contei a eles do que se tratava essa prática e, a partir disso, conversamos sobre como poderíamos realizar as filmagens. As crianças foram

orientadas a escolher o espaço que gostariam de gravar o “Minuto Lumière”. Após a escolha do cenário, o grupo poderia escolher apenas 1 plano para o filme realizar a filmagem em preto e branco, dar ao filme uma duração de até 1 minuto, assim como os primeiros filmes dos Lumière, prestigiados por eles no início dessa prática.

Quando as crianças iniciaram as filmagens, foi notória a prática que a maioria tinha com a câmera, eles não tiveram quaisquer dificuldades em manuseá-la. Isso confirma o que diz Fresquet: “A grande maioria já tem essa noção, já filmou inúmeras vezes com seu celular ou câmeras de fotografia. A experiência realizada com alunos de todas as idades nos revela, simultaneamente, uma vivência/experiência inexplicável” (FRESQUET, 2013, p. 70).

Depois de alguns exercícios com a câmera, fizemos uma estrutura de como seria a produção: quantos números de planos, qual o tipo do plano que seria utilizado, o que seria colocado em cena e qual o cenário. Para melhor visualização, realizamos um quadro com base no modelo de Fantin (2006, p. 346).

Quadro 1 - Minuto Lumière: Os amigos brincando

Nº de planos	Tipo de plano	Imagem e ação	Cenário
1	Plano Geral	Crianças no pátio da escola	Pátio da escola

Fonte: Da autora, organizados conforme Fantin (2006).

O nome que o grupo deu a produção do seu primeiro “Minuto Lumière” foi “*Os amigos brincando*”. As filmagens foram todas capturadas pelos alunos, assim como a escolha do cenário e planejamento das ações. Além desses, outros dois (2) “minutos lumière” foram produzidos por esse grupo. Sabemos que o processo de criação, quando realizado em grupo, pode gerar algumas discordâncias e discussões, nem sempre o que um integrante quer realizar, o outro aceita.

Várias ideias e possibilidades foram colocadas em roda pelas crianças. Portanto, fiz o máximo possível para não interferir no processo de criação dos alunos, em apenas alguns momentos, dava sugestões e procurava enfatizar a importância de que todos passassem por todas as funções dispostas: dirigir, atuar, filmar e fotografar. Enquanto o primeiro grupo realizava as filmagens, alunos de outras turmas paravam para observar o trabalho deles, professores saíam de suas salas para acompanhar o processo de criação desses alunos. Isso dava a eles um prestígio, a sensação de serem, por alguns minutos, artistas de cinema.

Figura 1 – Fotografia do filme “Os amigos brincando”



Fonte: Da autora, 2019.

Quando terminaram as filmagens, os alunos fizeram um processo muito simples de edição apenas para adicionar o nome do filme e para colocar os créditos finais com o nome de todos que participaram da produção.

Por fim, foi realizada a visualização coletiva do “Minuto Lumière” produzido pelas crianças. A visualização aconteceu na sala de aula, instalamos um projetor e colocamos as cadeiras enfileiradas. Com base nas suas expressões, notou-se que elas estavam muito animadas para ver o resultado. Quando as crianças começaram a assistir, esboçaram várias reações e, assim que o filme acabou, as crianças pediram para assistir novamente. Depois de assistirem pela segunda vez, perguntei a eles o que eles haviam achado do resultado, agora projetado em uma tela grande. As respostas foram:

Eu achei muito legal os filmes que fizemos, eu só acho que a Mulher Maravilha ficou filmando muito tempo a gente no parque (Pantera Negra).

Foi legal ver nossos nomes no final dos filmes, eu achei (Capitão América).

Seria legal se tivesse aquele plano que pega só o nosso rosto, porque só teve plano geral (Flash).

Eu estava com vergonha de assistir no começo, mas ontem à noite eu só ficava pensando em nós assistindo nosso filme hoje (Mulher Maravilha).

Foi legal fazer um filme (Batman).

Com base nas falas acima, pode-se notar que as crianças se sentiram autoras, detalhando não só o que sentiram, mas o que poderia ter sido diferente quando estavam criando. Percebe-se que, além da sensação de ter pertencido a um processo criativo, as crianças também criticaram alguns pontos e identificaram o que poderia ter sido feito diferente. Além da sensação de autoria atrelada ao ato, nota-se que as crianças fizeram parte do processo de forma muito íntima.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos concluir que o ato de criação cinematográfica realizado na escola desenvolve na sala de aula uma pedagogia da criação, que aproxima o aluno de experiências estéticas e simbólicas, transformando os alunos em autores, orgulhosos de suas produções, mas que também apontam, criticam, refletem sobre suas próprias criações e as levam a sério.

Nesse estudo, pudemos identificar que as crianças participantes desenvolveram uma grande sensação de autoria e aquilo que chamamos de “competência para ver”, atentando-se a detalhes das obras apresentadas e do filme que produziram. A partir das falas dos alunos, podemos identificar que o processo de filmar um Minuto Lumière e realizar alguns exercícios sobre elementos técnicos do cinema empregou a eles uma nova forma de enxergar os elementos dispostos em tela, tornando-se verdadeiros autores. O exercício aparentemente simples de “rodar um plano envolve não a maravilhosa humildade que foi a dos irmãos Lumière, mas também a sacralidade que uma criança ou adolescente empresta a uma “primeira vez” levada a sério”. (BERGALA, 2008, p. 206).

Em síntese, essa pesquisa reflete a importância do trabalho com o cinema como uma dimensão artística na escola, mostrando que “o verdadeiro encontro com a sétima arte é aquele que deixa marcas duradouras” (BERGALA, 2008, p. 100). Assim, considera-se que a escola é um campo fértil para promover de forma significativa o encontro do aluno com processos de criação e experimentação cinematográfica.

Referências

BERGALA, A. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

COLI, J. **O que é arte.** 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COUTINHO, M. A.; MAYOR, A. L. S. **Godard e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DEUS, A. I. S.; PEREIRA, C. R. **Linguagem cinematográfica na educação: aproximação do cinema como arte no ensino fundamental.** In: Cinema e Educação: Dentro e fora da lei. Porto Alegre: Ufrgs/programa de Alfabetização Audiovisual, 2014. Cap. 2. p. 114-121. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidadesuniversitarias/ce/wpcontent/uploads/sites/373/2019/01/000992418-4.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

FANTIN, M. **Crianças, Cinema e Mídia-Educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália.** 2006. 399 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

FRESQUET, A. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica dentro e “fora” da escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GODARD, J. L. **Você quer fazer cinema? Pegue uma câmera!** In: TIRARD, L. Grandes Diretores de Cinema. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.

GUTIERREZ, F. **Linguagem total: Uma pedagogia dos meios de comunicação.** 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MIRANDA, C. E. A. **A fisiognomia de Charles Le Brun – a educação da face e a educação do olhar.** In: Revista Pro-posições. Universidade Estadual de Campinas: Faculdade de Educação vol. 16, mai/ago. 2005.

MOCELLIN, R. **O cinema e o ensino da História.** Coleção Revisitando a História. Curitiba, Nova Didática, 2002.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula?** Contexto: São Paulo, 2003.

RIVOLTELLA, P. C. Il cinema luogo di educazione, tra sacuola ed extra-escuola. In: MALAVASI, P.; POLENGHI, S. E.; RIVOLTELLA, P.C. (Orgs.) **Cinema, pratiche formative, educazione.** Milano, Vita e Pensiero, 2005.

SILVA, V. A. S.. **Memória e cultura:** cinema e aprendizado de cineclubistas baianos dos anos 1950. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB, 2010.

TRUFFAUT, F. **Reflexões sobre as crianças e o cinema.** In: O prazer dos olhos. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Filmografia

A SAÍDA DOS OPERÁRIOS DA FÁBRICA LUMIÈRE. Direção: Loius Lumière. França, 1895.

A CHEGADA DO TREM À ESTAÇÃO. Direção: Loius Lumière. França, 1896.

REGADOR REGADO. Direção: Loius Lumière. França, 1895.

Recebido em 31/01/2022.

Aceito em 10/05/2022.